



## *Entrevista*

*Com Prof. Dr. Marco José Duarte<sup>1</sup>*

**SS&S – Prof. Dr. Marco José Duarte, o senhor poderia nos contar como foi o seu encontro com o Serviço Social? Com o Curso de Serviço Social da UERJ? E com a Saúde/ Saúde Mental?**

**[...] Mas, evidente, que não passei pelo curso imune e neutro. Ao contrário, em contexto de ditadura civil-militar, a retomada do movimento estudantil, não só no Serviço Social, mas geral, como DCE, UEE, UNE, a luta pelo novo currículo do curso, concurso público para professores, a redemocratização da universidade e da sociedade, a emergência dos movimentos sociais, populares, sindicais, o PT, a CUT, a nova diretoria do CRAS (hoje CRESS), a ANAS-SASERJ etc, tudo isso teve meu engajamento político e militante.**

**PROF. MARCO** – Meu encontro com o Serviço Social se deu por dois motivos, o primeiro porque tenho uma prima assistente social que me influenciou na minha adolescência e o segundo, porque via na profissão, na época, a possibilidade de ajudar o outro. Essa missão, digamos assim, que muitos alunos ainda trazem. Mas, evidente, que não passei pelo curso imune e neutro. Ao contrário, em contexto de ditadura civil-militar, a retomada do movimento estudantil, não só no Serviço Social, mas geral, como DCE, UEE, UNE, a luta pelo novo currículo do curso, concurso público para professores, a redemocratização da universidade e da sociedade, a emergência dos movimentos sociais, populares, sindicais, o PT, a CUT, a nova diretoria do CRAS (hoje CRESS), a ANAS-SASERJ etc, tudo isso teve meu engajamento político e militante. Tanto que o meu TCC refletiu bem isso, quando discuti a questão política da saúde e o projeto da Reforma Sanitária, pois além de ser um militante nesse campo, foi nele que fiz meus estágios, na saúde comunitária (na minha época o foco dos campos de estágio eram as comunidades) e na saúde

<sup>1</sup> Professor Adjunto IV, pesquisador e extensionista do Programa de Graduação e de Pós-Graduação Lato Sensu e colaborador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduado em Serviço Social e em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, fez Residência em Serviço Social na Divisão de Saúde Comunitária do Hospital Universitário Pedro Ernesto da UERJ, tem título de Mestre e Doutor em Serviço Social pela UERJ e de Especialista em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas. Serv. Soc. & Saúde, Campinas, SP v.14, n. 2 (20), p. 283-290, jul./dez. 2015 ISSN 1676-6806

**[...] Interessante que nunca saí da área de Saúde, nem da Saúde Mental, desde os anos 80, e com a docência e nessas tantas atividades, como pesquisa, extensão, ensino, supervisão, orientação etc, a Saúde e a Saúde Mental continuaram a ser meus objetos de estudo, pesquisa, ensino, supervisão e militância, tanto pela Reforma Sanitária, na defesa do SUS, como na luta antimanicomial e antiproibicionista e a Reforma Psiquiátrica.**

mental (estagiei em uma experiência pioneira no Rio de Janeiro, onde já se tentava desconstruir a lógica manicomial em uma instituição fechada), que já refletiam esse momento de crítica e de politização. Após a conclusão do curso de graduação de Serviço Social, e continuava a fazer o curso de Psicologia, segui para a Residência em Serviço Social no HUPE/UERJ, na área de Saúde Comunitária, trabalhando em um Posto Avançado de Saúde na comunidade do Morro do Borel e comecei a me envolver com a Faculdade de Serviço Social da UERJ. Foi aí que, com essa aproximação institucional na medida em que estava dentro da UERJ e já fazendo o Curso de Mestrado em Serviço Social na UFRJ, prestei concurso público para docente na Universidade, onde estou até hoje, são ao todo 27 anos. Interessante que nunca saí da área de Saúde, nem da Saúde Mental, desde os anos 80, e com a docência e nessas tantas atividades, como pesquisa, extensão, ensino, supervisão, orientação. A Saúde e a Saúde Mental continuaram a ser meus objetos de estudo, pesquisa, ensino, supervisão e militância, tanto pela Reforma Sanitária, na defesa do SUS, como na luta antimanicomial e antiproibicionista e a Reforma Psiquiátrica. Meu envolvimento teórico-político acompanhou todos esses momentos da luta pela Saúde/ Saúde Mental até hoje, já vão mais de 30 anos.

**SS&S – O senhor é uma autoridade no campo do Serviço Social, Saúde/Saúde Mental com fundamental importância no processo de fortalecimento da produção acadêmica desse campo de conhecimento. O senhor poderia nos contar como ocorre o processo de organização e de fortalecimento da produção e da intervenção do Serviço Social na Saúde/ Saúde Mental no Rio de Janeiro e no Brasil na perspectiva do Projeto Ético Político?**

**PROF. MARCO** – Bem, isso não é uma resposta simples, que os limites dessas linhas vão me permitir explicar, mas vou pontuar algumas questões que são mais importantes desse

**[...] É nesse sentido que podemos destacar que há uma confluência entre o que se dava no Serviço Social e o que se dava no campo da Saúde/ Saúde Mental, em particular, no processo de Reforma Psiquiátrica. [...] Então, temos, tanto no núcleo profissional como no campo da Política de Saúde Mental uma luta pelo rompimento com o conservadorismo, que articulados apontam para um novo projeto de sociedade.**

processo todo. Primeiramente, cabe afirmar que com a ruptura com o conservadorismo no Serviço Social, e isso só foi possível em decorrência de um momento histórico e político de redemocratização do país, levado por anos de resistência no contexto da ditadura civil-militar, emergem diversas críticas à profissão, não só do que veio pelo Movimento de Reconceituação, mas, também e principalmente, do novo momento de renovação teórico-política em que se movia o conjunto da nossa categoria e da nossa área de conhecimento, que vai apontar mudanças no Código de Ética, na lei que regulamenta a profissão e no novo currículo profissional. Estávamos todos muito envolvidos, comprometidos e engajados nesse processo de dar uma nova direção ético-política à profissão, tanto no campo da formação como do trabalho profissional. É nesse sentido que podemos destacar que há uma confluência entre o que se dava no Serviço Social e o que se dava no campo da Saúde/ Saúde Mental, em particular, no processo de Reforma Psiquiátrica. Há confluência dos seus princípios e diretrizes, como a defesa do usuário, a democratização do acesso, a liberdade etc, só para citar alguns. Então, temos, tanto no núcleo profissional como no campo da Política de Saúde Mental uma luta pelo rompimento com o conservadorismo, que articulados apontam para um novo projeto de sociedade. Isso posto, podemos problematizar a questão da produção e da intervenção do Serviço Social na Saúde/Saúde Mental. Cabe destacar que não trabalhamos sozinhos em nenhum campo, nem mesmo o psiquiatra, que estamos inseridos em processos de trabalho em espaços institucionais e políticos, e que por isso, todo o processo de intervenção se dá de forma coletiva, enquanto prática social, enquanto trabalho. Neste sentido, de forma sintética, se o que tínhamos em matéria de produção e formação, tanto no Serviço Social como na Saúde era

**[...] No Rio de Janeiro, em particular, éramos poucos, mas qualificados, por outro lado, também éramos ativistas e isso facilitava nosso espectro de ação, além de estarmos na academia, preocupados com a produção e a formação, não só acadêmica e profissional, mas também ética e política para o campo.**

construído e transmitido com conteúdos tradicionais, a disputa primeira foi de produzir e formar em uma nova perspectiva, com uma direção crítica de seus conteúdos e forma: teórica, metodológica, epistemológica, ética e política. Esse foi um dos principais desafios tanto para a formação, quanto para a intervenção e a produção. No Rio de Janeiro, em particular, éramos poucos, mas qualificados, por outro lado, também éramos ativistas e isso facilitava nosso espectro de ação, além de estarmos na academia, preocupados com a produção e a formação, não só acadêmica e profissional, mas também ética e política para o campo. Desta forma, fortalecemo-nos, mas não sem disputas, internas e externas, e não sem conflitos, principalmente, porque ainda se tem um senso comum, no meio profissional, que essa é uma área menor, desprivilegiada, com traços de psicologização e psiquiatrização das relações sociais e que ainda o trabalho profissional se baseia no tradicionalismo, ou seja, no Serviço Social de Caso, no Serviço Social Psiquiátrico ou no Serviço Social Clínico. Infelizmente essas características, quando se faz a crítica a esse setor da saúde, não se levam em conta que elas são bem menores no campo público da Política da Saúde Mental, em decorrência do seu processo de renovação e reforma, do que em certos postos de trabalho que a profissão ocupa em diferentes instituições, sejam privadas ou de políticas públicas. Hoje temos uma certa produção acadêmica que não se restringe na forma de livros, esses ainda são poucos, mas temos muitos artigos publicados em revistas, tem-se TCC's, monografias de especialização, de residência, dissertações e teses, organizam-se mesas e eventos científicos que articulam estagiários, residentes, pesquisadores, profissionais e docentes na perspectiva de socializar as experiências do trabalho profissional neste contexto, bem como a criação de uma rede nacional de pesquisadores de Serviço Social desse campo que

**[...] Avançamos muito em relação à produção de conhecimento em nossa área, haja vista o que temos de acervo nos últimos anos, nesses mais de trinta anos do Congresso da Virada, mas essa produção tem se limitado a uma análise crítica generalista das políticas ou mesmo sobre determinadas políticas sociais e entrado ou aberto espaço para que se problematize a partir do trabalho profissional em seus processos de trabalho.**

vem se apresentando nos eventos nacionais promovidos pelas entidades da categoria, em eventos dos programas de pós-graduação etc. Tomar as experiências do trabalho profissional nesse campo, em sua análise crítica e propositiva, na perspectiva do projeto ético-político que se coaduna com os princípios e diretrizes da Reforma Psiquiátrica, tem sido o investimento de muitos, não só no Rio de Janeiro, embora particular por concentrar não só as instituições públicas formadoras mas também as da Saúde Mental e atenção psicossocial, mas em diversos lugares do Brasil e essas tem sido significativas, pois os desafios, os limites e os avanços com relação ao trabalho na saúde mental em contextos de contrarreforma neoliberal afeta a todos na política pública, seja pela privatização da Saúde/ Saúde Mental, pela novo arranjo público-privado, pelo desfinanciamento do setor e pela precarização do trabalho nos serviços públicos.

### **SS&S – Quais são os principais desafios que se colocam para a profissão na atualidade?**

**PROF. MARCO** – São vários os desafios, mas quero ressaltar alguns, não sei se são os principais, pois isso é uma discussão política, mas em particular foco tanto na produção de conhecimentos voltada para/a partir de/e com o/a assistente social no trabalho profissional, como na qualificação de uma formação/educação continuada, que não se restringe a pós-graduação *stricto sensu*. Avançamos muito em relação à produção de conhecimento em nossa área, haja vista o que temos de acervo nos últimos anos, nesses mais de trinta anos do Congresso da Virada, mas essa produção tem se limitado a uma análise crítica generalista das políticas ou mesmo sobre determinadas políticas sociais e entrado ou aberto espaço para que se problematize a partir do trabalho profissional em seus processos de trabalho. Temos muito pouco sobre o trabalho

**[...] Particularmente defendo que todo profissional docente deva ser vinculado a disciplina que envolve o estágio supervisionado, isso já seria um bom começo, envolvendo-se não só pela supervisão acadêmica, sem academicismo abstrato e generalista, mas tomando aquela realidade como objeto de pesquisa e de extensão, articulando a produção e a formação profissional em um espaço de trabalho concreto. Isso já daria um salto de qualidade, tanto na formação do estagiário, como do trabalhador, na perspectiva da educação continuada.**

profissional em determinadas políticas sociais. E não sou só eu que digo isso, aliás, isso já é um desafio público. Se tomarmos as produções acadêmicas em termos de TCC, dissertações e teses, e isso já foi publicizado em eventos da ABEPSS, temos muito mais sobre análise das políticas sociais do que do trabalho profissional, nem digo nada com relação ao trabalho profissional em articulação com os movimentos sociais e a integração ensino-serviço-comunidade ou formação-rede-território, esses o quantitativo é insignificante. A meu ver, como formação política e profissional, historicamente, a partir de um referencial teórico-crítico, temos que tomar a realidade concreta para uma análise concreta, ou seja, tomar os dados de realidade do trabalho profissional para ser analisado, para que possamos contribuir e devolver, de forma sistematizada, para o avanço do conhecimento profissional. Nisso reside o salto qualitativo e epistemológico para a profissão. Veja, não estou descartando as análises macroestruturais, ao contrário, mas essas devem contribuir para as análises micropolíticas em que o trabalho profissional está inserido, tomando o trabalho, a experiência profissional e a prática social e institucional em que o mesmo se dá, o seu lócus privilegiado, como objeto de produção e de formação. Particularmente defendo que todo profissional docente deva ser vinculado a disciplina que envolve o estágio supervisionado, isso já seria um bom começo, envolvendo-se não só pela supervisão acadêmica, sem academicismo abstrato e generalista, mas tomando aquela realidade como objeto de pesquisa e de extensão, articulando a produção e a formação profissional em um espaço de trabalho concreto. Isso já daria um salto de qualidade, tanto na formação do estagiário, como do trabalhador, na perspectiva da educação continuada. Temos muito a responder e esse é o papel da universidade quando articulada e integrada de forma orgânica a esses espaços sócio institucionais. Não estou com

[...] Não estou com isso defendendo especialismos, apesar de vê-los em espaços acadêmicos e profissionais, como comumente escuto, [...] enfim, na divisão do trabalho em que nos inserimos, estamos cada vez mais aprofundando determinados temas, objetos e práticas, ou seja, estamos, a partir do genérico, particularizando análises e isso deveria contribuir também para singularizar o trabalho profissional em determinados espaços e políticas.

isso defendendo especialismos, apesar de vê-los em espaços acadêmicos e profissionais, como comumente escuto, só dou aula disso ou daquilo, só estudo isso ou aquilo, só pesquiso isso ou aquilo, só trabalho com isso ou aquilo, enfim, na divisão do trabalho em que nos inserimos, estamos cada vez mais aprofundando determinados temas, objetos e práticas, ou seja, estamos, a partir do genérico, particularizando análises e isso deveria contribuir também para singularizar o trabalho profissional em determinados espaços e políticas.

**SS&S – Finalizando a entrevista, agradecemos sua disponibilidade e o convidamos a deixar uma mensagem aos leitores da Revista?**

**PROF. MARCO –** Tem uma letra de música do Milton Nascimento, que admiro, por sua história e experiência de vida e profissional, que muito me afeta, acadêmica e profissionalmente falando, que de certa forma, sintetiza o que disse nesta entrevista. Diz assim: “De tudo que a gente sonhou. O que foi feito da vida [...] Falo assim sem saudade. Falo assim por saber. Se muito vale o já feito. Mais vale o que será. Mais vale o que será. E o que foi feito é preciso. Conhecer para melhor prosseguir. Falo assim sem tristeza. Falo por acreditar. Que é cobrando o que fomos. Que nós iremos crescer. Nós iremos crescer. Outros outubros virão”. Tenho realizado, sonhado e apostado nisso!

Rio de Janeiro, julho de 2015.

*Marco José Duarte*

**Recebido em 15.07.2015 – Aprovado em 24.07.2015**

